

JAZZ

19 MARÇO 2015

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Michael Formanek's Cheating Heart

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Saxofone alto Tim Berne Saxofone tenor Brian Settles

Piano Jacob Sacks Contrabaixo Michael Formanek Bateria Dan Weiss

Qui 19 de março

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

## Elo de ligação

Cheating Heart é um novo capítulo de uma carreira que já conta com mais de 40 anos. A de Michael Formanek, contrabaixista e compositor que tocou com lendas do jazz como Chet Baker, Gerry Mulligan, Stan Getz, Freddie Hubbard, Tony Williams e outros do mesmo nível e que passou por uma série variada de tendências deste género musical, incluindo a fusão jazz-rock. O que o diferencia de outros “históricos”? O facto de ter acompanhado – e por vezes colocando-se mesmo na guarda avançada – a evolução da música, recusando-se a fazer mais do mesmo. Seja por princípio como por necessidade, os resultados dão-se a ouvir: ele está sempre ali (aqui), onde as coisas acontecem.

Este novo grupo confirma-o. Se o quarteto que lidera com as participações de Tim Berne, Craig Taborn e Gerald Cleaver, editado em disco pela ECM, constituiu o seu mais recente sucesso, ei-lo que se afasta mais uma vez de fórmulas garantidas. Pode o seu Cheating Heart, que vamos ouvir no formato com Berne, Brian Settles, Jacob Sacks e Dan Weiss, ter tido início porque os membros do Michael Formanek Quartet nem sempre estavam disponíveis, mas o que com o projeto faz responde às suas inquietações de sempre: seguir caminho, fazer algo de diferente, manter a música atual.

Ele que o diga: «Gosto de ter uma frente de dois saxofones e também é bom contar com outra palheta adicional. Além do sax tenor, Brian Settles toca

flauta muito bem e é outra cor que fica disponível. Os saxofones misturam-se bem uns com os outros, pelo que uníssonos, oitavas, linhas harmonizadas e contrapontos podem ser muito eficazes. E como os saxes têm um espectro dinâmico enorme, a combinação entre o Tim e o Brian pode ser bastante poderosa e bela. Quando comecei com esta banda estava a tocar sobretudo com o meu quarteto, mas precisava de ter outras opções quando surgissem oportunidades de concerto, dado que o Craig e o Gerald têm agendas muito preenchidas. Ou seja, o grupo surgiu mais por urgência minha do que da própria música.»

O quinteto não tem constituição permanente. Só ele e o saxofonista alto Tim Berne são os pilares. Ellery Eskelin, Chris Speed e o filho de Formanek, Peter, já ocuparam o lugar de Settles, e numa ocasião a bateria esteve a cargo de Jim Black. «Há diferentes versões deste grupo porque foi sempre essa a intenção – ter várias opções de instrumentação e de personalidades musicais» – comenta.

Com uma premissa em qualquer das circunstâncias: «Procuero sempre músicos individualistas e com forte personalidade, mas para mim a expressão coletiva também é importante, pelo que a escolha dos músicos e as associações que faço com eles são cruciais. Na maior parte dos casos tenho tido a felicidade de tocar com instrumentistas que colocam a música sempre em primeiro lugar, antes dos seus gostos pessoais e dos seus egos. Assim, é responsabilidade minha fornecer-lhes material suficientemente desafiante para que possam encontrar o seu próprio espaço e sentir que fazem

parte do processo criativo, em vez de estarem simplesmente a interpretar as notas que lhes dou para tocarem. E como a minha música é coletiva, é necessário um determinado tipo de executante que não dependa do aplauso de cada vez que toca algo. É bom quando isso acontece, e é fantástico que o público interaja conosco, mas às vezes as coisas não fluem dessa maneira.»

O pianista Jacob Sacks e o baterista Dan Weiss têm estado ativos num circuito muito específico da cena de Nova Iorque, aquele em que encontramos músicos como David Binney, Brian Blade, Chris Potter, Thomas Morgan ou Mark Turner, mas os seus caminhos já se tinham cruzado com os de Michael Formanek. «Conheço o Dan e o Jacob já faz uns anos. Desde 2010 que temos tocado juntos num projeto ou noutro. Integro, por vezes, o trio do primeiro e ambos têm participado em *gigs* com o Tim e comigo. O nome “Cheating Heart” não significa que estou a ser desleal com o meu quarteto – tem apenas como referência uma canção de Hank Williams que me agrada, *Your Cheatin’ Heart*», explica ainda.

Hank Williams? Sim, o lendário cantautor de *country & western*. Até por aí se verifica a amplitude dos interesses musicais de Formanek: «Sou influenciado por muitas músicas e músicos diferentes. Não gosto de dividir territórios na música, tipo *mainstream* versus vanguarda, nem de escolher campos, preferindo um a outro. Seja como for, enquanto praticante sou muito aberto e não quero ser limitado por um estilo ou pela noção que alguém possa ter do

que é ou não é o jazz. Ora, isso quer dizer que me inclino para as filosofias associadas com a música criativa e o jazz criativo.»

Como não podia deixar de ser, este grande do jazz tem um forte apreço pela tradição, mas não aceita que esta seja entendida como algo de que não se pode sair. «Reproduzir algo passivamente nunca pode ter resultados interessantes. Se apenas se aprender as notas e os ritmos de um solo de Sonny Rollins só se obtém uma pequena parte de todo o retrato. O som que ele consegue, os ritmos que toca juntamente com a bateria, as notas que improvisa espontaneamente contra a linha de baixo são outros fatores. A maneira com que ele retira pequenas ideias e as varia subtilmente enquanto os acordes mudam são fundamentais. Tocar o que Sonny tocou só faz sentido se quisermos aprender como é que ele pensa a música. Este é um processo ativo e o que um músico faz com essa informação é que é importante», defende com convicção.

E opina: «Chris Speed é um ótimo exemplo disso. Transcreve imensos solos de Ben Webster, Lester Young, Paul Gonsalves, John Coltrane e muitos outros, mas não soa como nenhum deles. Podia fazê-lo se quisesse, e até já o ouvi nesse registo, mas não quer. Brian Settle é outro exemplo, e também Ellery Eskelin. Estão a fazer coisas novas absorvendo a grande música do passado, mas nunca adotando uma atitude passiva.»

É o seu caso também. O nome de Michael Formanek ganhou projeção quando integrou o New Lifetime do

baterista-prodígio Tony Williams, e podia ter continuado essa receita, mesmo quando a mesma deixou de fazer sentido. Outros, igualmente ilustres, o fizeram. «Comecei a tocar em meados da década de 1970, pelo que teria sido difícil não ficar envolvido em certos aspetos do estilo fusão. Além do New Lifetime, houve outros grupos em San Francisco e depois em Nova Iorque que integrei. Lembro-me de ter tocado em New Jersey com Michal Urbaniak, Kenny Kirkland e Mike Clark no início dos anos 1980. Até achava que não era bom naquilo, mas tive a oportunidade de colaborar com alguns nomes de topo do jazz-rock. Agora toco no trio Thumbscrew, com Mary Halvorson e Tomas Fujiwara, mas não me parece que haja conexões entre a fusão jazz-rock e aquilo que fazemos. O Thumbscrew toca música composta pelos três, e o que acontece é que por vezes aparece um som que podemos identificar com o rock progressivo.»

Nada disso, ou muito pouco, transparece com Cheating Heart. O foco da atenção de Formanek e dos seus pares está na combinação do escrito com o criado espontaneamente. «Disse uma vez numa entrevista que não só a improvisação é composição, o que me parece óbvio, mas também que composição é improvisação. Não é bem verdade, pois faço correções e revisões em certas peças. O certo é, porém, que os processos coincidem. Acho que estava a parafrasear Wayne Shorter, que disse qualquer coisa como: “Composição é improvisação desacelerada e improvisação é composição imediata.” O que

importa é que, se há diferenças entre as suas abordagens, há também semelhanças», esclarece.

Por vezes, detetam-se na nova banda referências a autores da música erudita contemporânea, o que «passa por estruturas e aspetos formais, mas também por harmonias específicas, efeitos e combinações instrumentais, ideias rítmicas, seleção de timbres». Passa igualmente pela abordagem exploratória tanto das situações musicais como dos instrumentos: «Regra geral não penso muito no contrabaixo, mas há ocasiões em que tal acontece. Estou numa fase dessas e até uso um pouco mais o contrabaixo no processo de composição. Quando toco ao vivo, ou quando pratico, estou a explorar o instrumento e por vezes essas explorações conduzem a ideias composicionais. A verdade é que fico feliz quando tenho uma boa ideia musical, venha ela de onde vier.»

Uma das características da música de Michael Formanek em geral e da de Cheating Heart em especial é a intrínca polirritmia: «Tendo a imaginar múltiplas camadas de ritmos e a usá-las nas minhas partituras, mas jogo-as habitualmente contra uma pulsação fixa e básica. São muitas as culturas do mundo em que as pessoas dançam músicas com uma grande complexidade rítmica e métrica. Já na nossa cultura, quando se cria música para dançar é preciso usar ritmos que se possam reconhecer facilmente e que nos levantem das cadeiras e nos façam mexer o rabo. Não há nada de errado nisso e acho bem que o pessoal abane as ancas, mas não tenho essa condicionante quando componho.»

Outra particularidade de Formanek é o carácter narrativo e dramático dos seus temas... «Continuo a achar que a música instrumental que utiliza improvisação pode contar uma história de um modo que outras músicas, incluindo a vocal, não podem. Prefiro uma música que seja evocativa, que me faça imaginar outros lugares e, inclusive, personagens. Na minha há algum teatro, sim, mas o fator dramático não está sempre em evidência, pode ser discreto. Por vezes, está simplesmente na forma como o silêncio é quebrado por uma única nota.»

Como mais uma vez se verifica com a variante Cheating Heart, a persistência de Formanek em manter-se na crista dessa onda a que chamamos jazz decorre de um espírito de missão. O músico norte-americano tem plena consciência de que é como que um elo de ligação da história com o futuro e de que a sua função é passar testemunho: «É minha responsabilidade ajudar os músicos mais jovens a compreender quem eram Gerry Mulligan, Chet Baker, Stan Getz, Freddie Hubbard e outros fantásticos artistas com quem tive o privilégio de tocar. Contar-lhes como é que eles soavam em pessoa, como preparavam um concerto, como ensaiavam ou não ensaiavam, como era conviver com eles. É nessas particularidades que pego nas aulas que vou dando, até porque aquilo que me ensinaram ainda hoje aplico no que faço. Não procuro transmitir-lhes os conceitos e os repertórios dessas figuras.»

E porquê? Porque mais correto do que imitá-los é seguir o seu exem-

plo: «Nenhum deles soava como os outros. Stan Getz vinha de Lester Young, mas tinha uma versão completamente distinta do som e do estilo do Lester. Podemos ouvir Clifford Brown, Lee Morgan, Fats Navarro e Louis Armstrong em Freddie Hubbard, mas percebe-se imediatamente que é ele. O seu som, a sua expressão, as suas linhas são dele apenas. É essa a minha responsabilidade: mostrar que o que realmente interessa é soarmos como nós próprios e contarmos a nossa história, não as de terceiros.»

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,  
editor da revista online jazz.pt

## Tim Berne saxofone alto

---

Saxofonista (alto e barítono), compositor, líder de bandas, Tim Berne nasceu em Syracuse, Nova Iorque, em 1954. Comprou o seu primeiro saxofone alto quando estudava no Lewis and Clark College em Oregon. Entusiasta do R&B e da música da Motown, não se interessava pelo jazz até que ouviu o álbum *Dogon* de Julius Hemphill. Inspirado pela capacidade de Hemphill de projetar a emoção do R&B [*Rythm and Blues*, expressão que se começou a usar nos anos de 1940 para designar um género de música popular afro-americana e que teve vários significados ao longo do tempo. Nos anos 1970 abrangia a música *soul* e *funk*. Cf. Wikipedia], foi para Nova Iorque para tentar encontrar Hemphill. Foi com ele que teve lições de saxofone, dele recebeu encorajamento para seguir o seu próprio caminho. Berne ainda diz que Hemphill continua a ter uma significativa e continuada influência no seu trabalho. (...)

Durante mais de 30 anos Tim Berne tem sido um importante membro da comunidade da música criativa de Nova Iorque, que afirma uma forte e singular personalidade musical através de diversos e frequentemente muito interessantes obras. Influenciou outros, e muitas vezes mais novos, músicos de improvisação criativa – incluindo os que formam o seu mais recente quarteto – e sabe como se colocar no negócio da música. Este último atributo foi-lhe particularmente útil em momentos chave da sua carreira,

quando fundou editoras para poder levar a sua música ao público. Gravando para uma *major* como a Columbia, ou para as suas Empire e Srewwgun, ou para uma etiqueta tão característica como a ECM, Tim Berne construiu um caminho musical singular e descomprometido. Excertos da biografia escrita por Dave Lynch em [www.allmusic.com](http://www.allmusic.com)

## Brian Settles saxofone tenor

---

Brian Settles é um muito solicitado saxofonista e compositor de Washington, DC. Igualmente requisitado como *sideman* ou como líder, Brian dedicou a sua vida ao estudo e prática da música. Primeiro na prestigiada Duke Ellington School of the Arts, The New School University e mais recentemente na Howard University. Settles, tocou e gravou com grupos liderados por Gil Scott-Heron, Reggie Workman, Jason Moran, Tomas Fujiwara, Tom Abbs e tocou ao lado de grandes artistas como Stanley Turrentine, Shirley Horn e Milt Hinton.

No seguimento do sucesso do seu álbum de estreia, *Secret Handshake* (2011), Settles gravou o seu segundo, *Folk*, saído em novembro de 2013. [in www.briansettles.com](http://www.briansettles.com)

## Jacob Sacks piano

---

Nascido em Michigan, Jacob foi em 1995 Presidential Scholar in The Arts [uma das maiores honras nacionais para estudantes do ensino secundário;

todos os anos são escolhidos 20, em várias fases, de numa base de 3 milhões de candidatos de todos os Estados]. Mudou-se para Nova Iorque para estudar com Gary Dial na Manhattan School of Music. Depois de se licenciar em 1998, foi, no ano seguinte, finalista no Concurso Internacional de Piano Jazz Thelonious Monk.

Nos últimos 12 anos, foi membro de vários *ensembles*, gravou vários álbuns, fez diversas digressões pelos EUA, Europa, Canadá. Tocou com músicos como Clark Terry, Joe Maneri, Terumasa Hino, Charles Gayle, Eddie Henderson, Christian McBride, Brian Blade, Tony Malaby, Jacob Garchik, Bern Gerstein, Ohad Talmor, Chris Potter, Mark Turner, Ben Monder, Adam Rogers, Kenny Wollesen, Gene Jackson e Matt Wilson.

Os projetos atuais incluem um duo já de há anos com a vocalista Yoon Sun Choi, com quem recentemente gravou um aclamado álbum com música de Joe Raposo; o quarteto Two Miles A Day, coliderado com o baixista Eivind Opsvik e um trio com o baterista Dan Weiss e o baixista John Morgan.

Jacob vive atualmente em Brooklyn onde trabalha em diversos projetos de gravações e dá lições privadas a cerca de 15 alunos.

*in* [www.jacobsacks.com](http://www.jacobsacks.com)

### **Michael Formanek** contrabaixo

---

Um indicador da criatividade e versatilidade do baixista Formanek é a variedade de distintos músicos de

várias gerações com quem trabalhou. Ainda era um adolescente, em 1970, e já fazia digressões com o baterista Tony Williams e o saxofonista Joe Henderson; na década de 1980 e depois disso, tocou com músicos como Stan Getz, Gerry Mulligan, Fred Hersch e Freddie Hubbard (num retorno a esses tempos, gravou em 2013 com o pianista *hardbop* Freddie Redd). A partir dos anos 1990 teve um papel de *pivot* na cena criativa de Nova Iorque, altura em que liderou de forma notável o seu próprio quinteto e tocou com o quarteto de Tim Berne, Bloodcount.

Compositor e líder de vários grupos a sua banda principal é o aclamado quarteto com Berne, Taborn e Cleaver com quem gravou dois excelentes discos para a ECM. Várias vezes premiado, bolsheiro de importantes instituições, recebeu várias encomendas para composição de peças musicais.

*in* [www.amibotheringyou.com](http://www.amibotheringyou.com)

### **Dan Weiss** bateria

---

Dan Weiss começou a tocar bateria aos 6 anos de idade. Completou o bacharelato na Manhattan School of Music, com um *major* em percussão de jazz e um *minor* em composição clássica. Assim que completou a sua educação formal, começou a fazer digressões e a gravar com músicos como David Binney, Lee Konitz, Rudresh Mahantthapa, Miguel Zenon, Kenny Werner e muitos outros.

Weiss também estudou tabla durante quase 20 anos com o guru Pandit Samir Chatterjee. Esta aprendizagem teve a

maior influência na sua estética musical, exemplificada em dois dos seus discos em que toca repertório clássico indiano numa bateria.

Foi considerado percussionista emergente do ano nas 60.<sup>a</sup> e 61.<sup>a</sup> nomeações pelos críticos reunidos pela revista *Downbeat*.

Durante mais de uma década liderou o seu trio com Jacob Sacks no piano e Thomas Morgan no baixo. Os dois álbuns que gravaram, *Now Yes When* e *Timshel* foram elogiados pela crítica pela sua abordagem única à estrutura das canções e pela infinita criatividade na improvisação. Para além do trio, Weiss lidera ainda o seu único grande *ensemble* composto por alguns dos mais dotados músicos de Nova Iorque. O álbum *14* teve ótima receção e figurou na lista dos 10 melhores discos do ano do New York Times. Em finais deste ano sairá um segundo CD deste *ensemble*. A música do disco é uma peça composta por Weiss e que se baseia em seis dos grandes bateristas de jazz da história.

Weiss atualmente vive em Brooklyn, Nova Iorque, onde continua a estudar, praticar, ensinar, atuar e gravar.

*in* [www.danweiss.net](http://www.danweiss.net)

## Próximo espetáculo

© João Garcia Miguel

# Pântano

Direção de Miguel Moreira

**Dança** Sex 27, sáb 28 de março

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h10 · M16



Três peregrinos – Catarina Félix, Francisco Camacho, Romeu Runa – à procura de um pensamento para o homem de hoje. Encontram-se e procuram construir um pensamento solidário e coletivo.

## Próximo espetáculo de música

# Universal Indians + Joe McPhee

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

**Jazz** Qui 9 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



Universal Indians & Joe McPhee recriam o ambiente do *free jazz* clássico – não através de imitação ou anacronismos, mas com a pulsação vibrante de uma alma e uma fúria intemporais.

Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Miguel Wandschneider

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

Patrícia Carvalho

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

**Estagiária:**

Sara Amaral

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

**Estagiários:**

Mariana Frazão

Pedro Escada

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

**Culturgest, uma casa do mundo**